

**Pensamento latinoamericano e razão ocidental: a contribuição crítica de
Rodolfo Kusch**

Alonso Bezerra de Carvalho¹

Resumo: Este trabalho pretende apresentar algumas ideias de Rodolfo Kusch e sua contribuição para o pensamento latinoamericano. De caráter teórico, a proposta é apresentar alguns de seus conceitos e articulá-los com a sua crítica à razão ocidental. Kusch busca, entre outros objetivos, destacar a presença de um pensamento novo, arraigado nas manifestações da cultura popular e americana. Se a marca do Ocidente é universalizar os seus valores, suas crenças e pensamentos, talvez pudéssemos nos exercitar no sentido de demarcar o que nos é específico, sobretudo a partir do lugar que “estamos sendo”, que é o continente latinoamericano. Se o pensamento racionalista de influência europeia dominou a instauração e interpretação de nossa cultura, trata-se de desconstruir essa estrutura lógica que se colocava como superior, em detrimento das culturas autóctones e indígenas americanas. Na base de suas reflexões está a ideia de que a racionalidade ocidental se centraria no ser, no ente, na coisa, enquanto a racionalidade indígena se fundaria no estar, no domicílio, no habitat. Adotando modos de observação próprios da ciência antropológica, foi a campo aprofundar suas intuições no sentido de se pensar e extrair um pensamento autenticamente americana.

Palavras-chaves: pensamento latino-americano; paixões; razão ocidental.

¹ Docente do Departamento de Didática e do Programa de Pós-graduação em Educação, da Unesp/Marília. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Ética e Sociedade (GEPEES), cadastrado no CNPq. E-mail: alonso.carvalho@unesp.br

**Latin American thought and western reason: the critical contribution of
Rodolfo Kusch**

Abstract: This work intends to present some ideas of Rodolfo Kusch and his contribution to Latin American thought. Of a theoretical nature, the proposal is to present some of his concepts and articulate them with his critique of Western reason. Kusch seeks, among other objectives, to highlight the presence of a new thought, rooted in the manifestations of popular and American culture. If the mark of the West is to universalize its values, beliefs and thoughts, perhaps we could exercise in the sense of demarcating what is specific to us, especially from the place that “we are being”, which is the Latin American continent. If European-influenced rationalist thinking dominated the establishment and interpretation of our culture, it is a question of deconstructing this logical structure that was seen as superior, to the detriment of autochthonous and indigenous American cultures. At the base of his reflections is the idea that Western rationality would focus on to be, on beings, on things, while indigenous rationality would be based on being, on the home, on the habitat. Adopting modes of observation typical of anthropological science, he went to the field to deepen his intuitions in order to think and extract an authentically American thought.

Keywords: Latin American thought; passions; western reason.

Introdução

Neste trabalho pretendemos retomar a discussão acerca do embate entre razão e paixão que marca a história do pensamento ocidental, no sentido de apresentar algumas reflexões ao campo da educação, a partir de um lugar específico que é a cultura latinoamericana. Na história da filosofia observamos que o tema das paixões sempre foi motivo de profundos debates. Uma vertente considera que para a obtenção de conhecimentos verdadeiros e para a realização de ações virtuosas, deveríamos nos abster de levar em conta o mundo das paixões e seus correlatos, como os sentimentos, os desejos e as emoções, quase sempre tomados como sinônimos. Nesse caso, o papel da razão nesse processo é total, pois ela seria o recurso ou a dimensão de que dispomos para se acercar da realidade e colocá-la sob o seu domínio. Somente chegaríamos à verdade se as coisas, o mundo e a própria natureza fossem apropriados, controlados e passassem pelo crivo da razão. Essa tradição filosófica atribui à razão, portanto, lugar central na vida humana.

Por seu lado, uma outra tradição toma as paixões como algo essencial na constituição do homem que, se desconsiderado, pode nos conduzir a não o compreender de maneira razoável. Aqui, razão e paixão são tomadas como duas dimensões que ao serem levadas em conta possibilita agirmos, pensarmos e falarmos de maneira equilibrada, moderada e completa. Nesta tradição, inclusive, há aqueles pensadores, Spinoza e Nietzsche por exemplo, que de certa maneira hipostasiam o papel das paixões, contestando o poder e o direito que a razão tem de intervir sobre o desejo e as paixões, identificando a liberdade como a plena manifestação do desejante e do passional.

Retrospectivamente de maneira bem sucinta, parece que tudo começara com Platão ou, quiçá, com Parmênides. A contingência do devir, a pluralidade das opiniões, o mundo das sombras, o conhecimento ilusório, a incerteza das informações do universo sensível faz emergir toda uma concepção de homem e de filosofia. É a partir dela que os debates começaram trazendo repercussões até os dias de hoje, inclusive provocando reconfigurações nas reflexões no campo da própria filosofia, da ciência, da ética, da política, da educação, etc. Enfim, a história das paixões seria a história de seu combate com a razão: *pátbos* x *logos*. Moralistas, filósofos e a religião estiveram na vanguarda desse movimento.

Kusch e a crítica à razão ocidental: por uma geocultura latinoamericana

A ideia de *estar sendo* cumpre no pensamento de Rodolfo Kusch um papel importante, indicando um caminho tanto à crítica que faz à razão ocidental como uma possibilidade de compreensão e diagnóstico da cultura latinoamericana, sempre na perspectiva de mapear o que é histórica e culturalmente específico dos povos que habitam esse outro lado do mundo. Kusch busca, entre outros objetivos, destacar a presença de um pensamento novo, arraigado nas manifestações da cultura popular e americana. Se a marca do Ocidente é universalizar os seus valores, suas crenças e pensamentos, talvez pudéssemos nos exercitar no sentido de demarcar o que nos é específico, sobretudo a partir do lugar que “estamos sendo”, que é o continente latinoamericano.

Rodolfo Kusch nasceu no dia 25 de junho de 1922 em Buenos Aires e faleceu em 30 de setembro de 1979. Era filho de alemães radicados na Argentina. Graduou-se em filosofia pela Universidade de Buenos Aires, em 1948. Realizou profundas pesquisas de campo sobre o pensamento indígena e popular americano como base de sua reflexão filosófica.

Para desenvolver a noção de “*estar*”, “*estar siendo*”, “*estar no más*”, Kusch considera que se o pensamento racionalista de influência europeia dominou a instauração e a interpretação de nossa cultura, trata-se, agora, de desconstruir essa estrutura lógica que se coloca como superior, em detrimento das culturas autóctones e indígenas americanas. Na base de suas reflexões está a ideia de que a racionalidade ocidental se funda no *ser*, no ente, na coisa, enquanto a racionalidade indígena se fundaria no *estar*, no domicílio, no habitat. Adotando modos de observação próprios da ciência antropológica, foi a campo aprofundar suas intuições no sentido de se pensar e extrair uma filosofia autenticamente americana e concluiu que nos povos originários há uma situação ontológica e epistemológica única, caracterizada pelo predomínio do “*estar*” sobre o “*ser*”. O pensamento racionalista europeu ao negar ou desconsiderar por completo o pensamento americano transforma-o em um objeto sem vida e sem história, restando-nos construir um movimento de resistência e de autoafirmação, na busca da emancipação dos discursos e práticas que nos impedem de expressar nossa própria cultura de maneira integrada e autônoma.

Diante desse diagnóstico, o medo é um sentimento que se deve levar em consideração e vivê-lo plenamente, pois ele dá a oportunidade de se sentir, de se experimentar e de se pensar sobre quem somos nós. Para o indígena não é um problema viver essa experiência, aliás ela o constitui e o define, ao contrário de uma técnica filosófica de além-mar que

pretende controlá-la e submetê-la aos ditames da razão, adotando, inclusive, perspectivas pedagógicas. Dito de outro maneira, o pensamento originário latinoamericano não requer uma técnica ou uma lógica que o levaria a um saber que dissesse *como* as coisas são, com o objetivo de captar o “quê” das coisas, a sua forma essencial, mas, ao contrário, pretende se aproximar do sentido, do significado, do conteúdo e da dinâmica vital que movimenta o solo, a natureza e as pessoas.

La situación del pensar culto y del pensar popular parecieran simétricamente invertidas. Si en el pensar culto [filosófico occidental] predomina lo técnico, en el popular éste pasa a segundo plano e en cambio predomina lo semántico. en suma, si en los sectores populares se dice *algo*, en el sector culto se dice *cómo* [...] Es natural que haya correlativamente un algo y un cómo en el decir, pero no es natural que ambos se distancien y se sobrevalore el *cómo* sobre el *algo* [...] Volviendo al filosofar, el problema intrínseco de esta actividad no es de mera técnica, o sea del *cómo*, sino también de un *algo* que se constituye [...] el pensamiento culto invierte la dirección, en vez de apuntar al *algo* del decir, apunta el *cómo* (KUSCH, 2000, p. 9-10).

Para Kusch, é necessário um equilíbrio entre conteúdo e forma, de tal maneira que possamos desfetichizar a técnica e a lógica que promete o progresso como consequência e que tem marcado, inclusive, a educação burguesa, ao fundamentar o ensino na ideia do progredir e do avançar, ou seja, em uma concepção de razão que considera tudo passível de ser dominado, controlado e previsto.

A antropologia filosófica de Rodolfo Kusch procura indicar outros caminhos tanto na crítica à razão ocidental quanto no processo de compreensão e diagnóstico da cultura latinoamericana. Articulando essas duas posturas intelectuais e investigativas, ele procura mapear, de fato, o que é histórica e culturalmente específico dos povos que habitam esse outro lado do mundo.

Para os propósitos deste trabalho, vamos tomar como referência algumas indicações do livro *Geocultura del hombre americano* (2000), no qual Kusch busca, entre outros objetivos, destacar a presença de um pensamento novo, arraigado nas manifestações da cultura popular e americana. Se a marca do Ocidente é universalizar os seus valores, suas crenças e pensamentos, talvez pudéssemos nos exercitar no sentido de demarcar o que nos é específico, sobretudo a partir do lugar que “estamos sendo”, que é o continente latinoamericano. Para

tanto, Kusch embrenhava-se no solo americano para dele extrair um pensamento que fosse original.

Se o pensamento racionalista de influência europeia dominou a instauração e interpretação de nossa cultura, trata-se de desconstruir essa estrutura lógica que se colocava como superior, em detrimento das culturas autóctones e indígenas americanas. Na base das reflexões kuschianas está a ideia de que a racionalidade ocidental se centraria no ser, no ente, na coisa, enquanto a racionalidade indígena se fundaria no estar, no domicílio, no habitat. Adotando modos de observação próprios da ciência antropológica, foi a campo aprofundar suas intuições no sentido de se pensar e extrair uma filosofia autenticamente americana. Segundo Kusch, a experiência americana havia gerado uma situação ontológica e epistemológica única, que ele a caracterizava como um predomínio do “estar” sobre o “ser”.

O pensamento racionalista europeu ao negar o pensamento americano transforma-o em um objeto sem vida e sem história, restando-nos construir um movimento de resistência e de autoafirmação, na busca da emancipação dos discursos e práticas que nos impedem de expressar nossa própria cultura de maneira integrada e autônoma.

Para Rodolfo Kusch o medo que sentimos e experimentamos de ser nós mesmos é resultado do medo inicial em pensar sobre quem somos nós. Isso deriva, segundo ele, de uma dificuldade, para dizer o mínimo, em possuímos a nossa própria técnica para pensar, ou melhor, para filosofar. “El estancamiento del filosofar entre nosotros, la imposibilidad de adelantar, o emprender un filosofar, se debe seguramente como suele decirse a una ausencia de técnica para ello.” (KUSCH, 2000, p. 9).

O pensar popular, característica marcante do pensamento americano, não requer uma técnica ou uma lógica que nos levaria a um saber que dissesse o *como* as coisas são. Pretendendo captar o “quê” das coisas, no pensamento americano o fundamental é o sentido, o conteúdo e não a forma, como tem feito o pensar o europeu. “Volviendo al filosofar, el problema intrínseco de esta actividad no es de mera técnica, o sea del *cómo*, sino también de un *algo* que se constituye [...] el pensamiento culto invierte la dirección, en vez de apuntar al algo del decir, apunta el *cómo*.” (KUSCH, 2000, p. 10). Kusch crê que é necessário um equilíbrio entre conteúdo e forma, de tal maneira que possamos desfeticizar a técnica e uma lógica que promete o progresso como consequência e que tem marcado, inclusive, a educação burguesa, ao fundamentar o ensino na ideia do progredir e do avançar, ou seja, em uma concepção de razão que considera tudo passível de ser dominado, controlado e previsto, como já diagnosticara de certa maneira os frankfurtianos, como veremos abaixo.

Se enfrenta al caos para encontrar lo previsto. Y para garantizar esto se usan técnicas. Con esto se mata el tiempo, porque se sustrae la posibilidad de la novedad. Se pierde el miedo a que lo que aparezca sea otra cosa. De ahí nuestra educación. Se educa a los jóvenes para prever, ver antes, saber ya lo que se da, y así detener el tiempo, evitar el engorro del sacrificio. (KUSCH, 2000, p. 12).

Analisando a história da própria Argentina e que pode ser estendido para outras culturas latinoamericana, ele considera que estas se formaram sob a influência do enciclopedismo e do academicismo europeu, que almejava apreender a totalidade das coisas, como algo externo, acumulativo e quantitativo. Para escapar a esta situação precisaríamos observar a vida cotidiana, que muitas vezes é um caos, fonte de medo, mas também de todas as verdades.

Na América, observa Kusch, vivemos entre o saber enciclopédico, que almeja apreender em inumeráveis páginas todos os dados desse mundo, e o não saber da vida cotidiana. O saber desse “não saber” é o puro estar; é a nossa parte não europeia ou antieuropeia. O indígena americano encontrava seu domicílio da pele para dentro e o europeu da pele para fora. A pele indígena está entre a Enciclopédia e o medo e as paixões, o caos e a vida cotidiana que o toca e o constitui. É apenas assumindo o medo que podemos entender a verdadeira dimensão do “estar”. Submergir no popular e interiorizar a vida cotidiana é, portanto, dar um salto para trás, para o aquém de nós mesmos, mas que avança. “Un salto hacia lo embrionario, lo ab-origene, que hace a la verdad de lo que tiene que ocurrir y acontecer hacia el futuro.” (KUSCH, 2000, p. 16).

Segundo Kusch, o que temos visto na América é um grande desnível entre o que este continente era e o que o Ocidente trouxe. De um lado, o inferior, o inútil e, de outro, o superior e o útil, que tem como objetivo o progredir, o ascender, o *ser* alguém, não importa a que custo e a que preço.

Ser alguien implica el *afán* de serlo y ese *deseo* se identifica, en este contexto, con el *progreso*, con la sustitución de los frutos por (la *acumulación* de) simples cosas, con la obsesión de *sumar objetos*. Así, la *perfección del ser*, em última instancia, implica *tener* [...] El *individuo* busca la *perfección* y ésta se identifica con um *afán de progreso infinito* relacionado con los *objetos*, um *progreso* que implica la *negación del viejo deseo de mínima* que simplemente pretendia *conservar la vida*, comprometido con el *mero estar*. (CULLEN, 2003, p. 53)

Influenciados por essa visão europeia, não suportamos o medo e o *estar*, pois isso nos angustia, diferentemente do indígena, que ao sentir medo recorria aos bruxos em busca de ajuda. Para eles, assumir nossa dimensão humana é viver a nível da terra e enfrentar nossos temores. Para nós, isso não é suficiente, pois queremos tudo claro, esclarecido e passível de ser compreendido pela razão. É como se houvesse um imperialismo da racionalidade que, na verdade, revela a nossa fraqueza e impotência frente à totalidade daquilo que deveríamos pensar. Somos incapazes de simbolizar ao pensarmos em termos ocidentais, pois queremos reduzir tudo a uma relação de causa e efeito.

[...] Ni lo que llamamos cultura nos brinda un saber total [...] Cultura cotidianamente, supone un saber de libros y de datos igual que en caso de la ciencia. El mejor ejemplo es la librería. Entrarnos en ella y siempre sentimos nuestra inferioridad frente a tanto saber volcado en el objeto libro. Seguimos viviendo la enciclopedia científica a nivel de cultura. Se piensa que esse saber acumulativo que se da en la enseñanza y que se cristaliza em la librería es una ventaja del siglo [...] Lo que en el siglo XX se llama cultura, se reduce entonces a un simple fetichismo. (KUSCH, 2000, p. 22).

Diante desse quadro, podemos constatar em nossa sociedade americana uma dupla polaridade: de um lado, o “*estar no más*” e, de outro, o “*ser alguém*”, conforme expressões kuschianas. Ou seja, vivemos uma rara mescla de um não saber da vida íntima ou cotidiana e um saber enciclopédico e acadêmico.

As paixões humanas e o “estar sendo” americano

A ideia de estar no mundo e nada mais (“*estar no más*”, “*estar siendo*”) seja como uma característica da cultura americana, seja como uma crítica à razão ocidental, como propõe Kusch, nos leva a regressar à história da própria filosofia, com a hipervalorização da razão esclarecida em detrimento de outras dimensões humanas, como a dimensão passional. Como já diagnosticara os frankfurtianos:

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra

REVISTA MUNDO E DESENVOLVIMENTO
Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber. (HORKHEIMER & ADORNO, 1985, p. 19)

Para Kant, a paixão é uma inclinação da ordem dos desejos, um sentimento de prazer e desprazer, que não deixa o sujeito chegar à reflexão. Como doença da alma, as paixões, como as emoções, a ordem do afetivo e da sensibilidade, caracterizar-se-iam pelo arrebatamento que impede toda reflexão, todo exercício normal da razão. “Estar submetido às emoções e às paixões, é sempre uma doença da alma, visto que ambos excluem o controle da razão” (KANT, 1993, p. 217 - §73). Essa situação se assemelha a um violento desequilíbrio, como se não nos pertencêssemos mais: o homem apaixonado não é livre e nem senhor de si. Perturbados e excessivamente exaltados nos dedicaríamos a uma única coisa e todo o resto nos é indiferente. A paixão constituiria, portanto, um atentado à liberdade bem mais profundo que a emoção. Se nesta há, segundo Kant, alguma coisa de reflexão, a paixão se *opõe* à razão, à reflexão e ao julgamento. E mais: a paixão se serve da razão; ela se torna uma doença da razão (1993, p. 218 - § 74). Assim, o apaixonado utiliza da reflexão, mas no sentido contrário ao exercício normal da razão. Ele não raciocina normalmente, mas de qualquer jeito. Deste modo, podemos considerar o apaixonado como aquele que viola e contradiz as regras elementares da lógica, isto é, as normas que todo homem de bom senso, quando em posse de toda sua razão, pode exercer (KANT, 1993, p. 237 -§ 81). A “lógica” da paixão é formada por uma ideia a priori que o apaixonado toma como elemento cristalizador, ornando e exagerando as características do objeto amado ou odiado. No caso do amor, o amante torna o amado perfeito, belo e maravilhoso. Essa lógica escolhe e toma a parte pelo todo: X é *a, b, c, d*, mas o apaixonado diz que é apenas *a*. Por isso deve ser controlada pela razão.

Por sua vez, os frankfurtianos parecem relativizar a questão e a pensa a partir de outra perspectiva. No aforismo “Interesse pelo corpo”, contido em a *Dialética do Esclarecimento* (1985), Horkheimer e Adorno falam de uma história subterrânea do corpo que, segundo eles, consistiria no “destino dos instintos e paixões humanas recalçados e desfigurados pela civilização” (HORKHEIMER & ADORNO, 1985, p. 215-216). O corpo, como morada das paixões, teria sido condenado como depósito absoluto do mal em contraposição ao espírito que, reverenciado como suprasumo do bem, tornou-se condição primordial para as grandes criações culturais. Se à primeira vista ele pode ser tomado como fonte de um amor prazeroso e por isso desejado, os frankfurtianos argumentam que o corpo foi na verdade escarnecido e

repelido como algo inferior e escravizado. Exaltado, sim, mas como coisa, objeto sem vida, como algo ‘proibido’, ‘reificado’, ‘alienado’ (HORKHEIMER & ADORNO, 1985, p. 217).

O domínio da natureza, das paixões e dos nossos impulsos se confundiria, contraditoriamente, segundo os frankfurtianos, à própria história da razão. É a história da renúncia e do sacrifício como na *Odisseia* de Homero. Dominar a natureza significa, portanto, antes de tudo dominar-se, ter nas mãos a própria natureza. O sujeito esclarecido é aquele que conseguiu sacrificar-se, ainda que isso lhe custe sua expressão mais viva: a liberdade. Por isso que resistir ao canto da sereia, ser astuto como Ulisses, é tornar-se forte e capaz de dominar, transformando os homens em animais dóceis e mansos, levando-os a um estágio biológico inferior. Essa é a contradição. A razão querendo extinguir as paixões torna-se, ela mesma, a paixão de si própria. A promessa da desmitificação tornou-se um mito.

Na perspectiva kuschiana, podemos pensar que a postura de não levar em conta as paixões humanas e o sentimento de medo como um contraponto ou outro lado da razão ou do ser, é desconsiderar um estado original que precisa ser olhado em sua singularidade e profundidade. Segundo Kusch, americanizar a filosofia é fazer uma reflexão sobre o conteúdo da própria consciência, em que o sujeito não pode ir mais além de sua vivência, pois é um sujeito fusionado no mundo. Para tanto, temos que considerar o solo que habitamos, que é o lugar que sustenta a vida e é seu apoio espiritual. A cultura tem que ter uma margem de arraigo, ser considerada como situada em um espaço geográfico. É do solo que emerge toda uma cultura e toda uma maneira de ser, de pensar, de agir e de falar, enfim, um *ethos*. Por isso a ideia de uma geocultura do homem latinoamericano.

Detrás de toda cultura está siempre el suelo [...] Y ese suelo así enunciado, que no es ni cosa, ni si toca, pero que pesa, es la única respuesta cuando uno se hace la pregunta por la cultura. Él simboliza el margen de arraigo que toda cultura debe tener [...] No hay outra universalidad que esta condición de estar caído en el suelo, aunque se trate del altiplano o de la selva. De ahí el arraigo y, peor que eso, la necesidad de ese arraigo, porque, si no, no tiene sentido la vida. (KUSCH, 2000, p. 109-110).

Portanto, o solo, as paixões, o medo, os sentimentos, o aqui e o agora de nossa vida, são as características centrais para se pensar e compreender a singularidade da cultura latinoamericana. É o “estar sendo” como estrutura existencial e como decisão cultural. Diferente do “ser” que define e que faz referência à essência, o “estar” assinala e aponta a

condição, o modo exterior de *tudo aquilo que existe* (ente), sem preocupação com uma interioridade.

Segundo Kusch, o horizonte simbólico americano destaca o predomínio do estar sem mais, do “estar sendo”, o que implica mais do que aquilo que é enunciado ou dito pelo *ser*; é um viver puro, é estar domiciliado e “prendido a un suelo que se da como inalienable” (KUSCH, 2000, p. 238). Ao desconsiderarmos isso revelamos a nossa própria inautenticidade.

Nuestra autenticidad no radica en lo que Occidente considera auténtico, sino en desenvolver al estructura inversa a dicha autenticidad, en la forma “estar siendo” como única posibilidad [...] Sólo el reconocimiento de este último dará nuestra autenticidad. (KUSCH, 2000, p. 239).

Isso quer dizer, explica Kusch, que nas culturas ocidentais, e que é bem manifesto na América, o *ser* se sobrepôs ao *estar*, conquistando-o. Porém, a trajetória do *estar* se confunde com o caos de um mundo que angustia, de um “mundo que é assim” e que deve ser contemplado e vivido, não no sentido de um progresso e de explicações científicas, simplesmente.

Se de um lado, o mundo do ser europeu aparentemente resolveu o problema da hostilidade e do medo que o mundo oferece, por meio da teoria e da técnica, por outro lado, o mundo do estar americano não supõe uma superação da realidade, mas faz uma invocação a ela, colocando-a e colocando-se frente a ela. Enquanto o Ocidente cria a ciência e a educação para se contrapor e enfrentar o medo – diríamos, as paixões -, o indígena se mantém em sua “magia”, em seus rituais, conservando a realidade do mundo, limitando-se a interagir com a natureza, retirando dela o melhor proveito, mas com um profundo respeito.

Considerações finais

É inspirados nessas reflexões que talvez seja necessário assumirmos uma maneira de pensar e de agir, inclusive no campo da educação, a partir daquilo que foi negado pela positividade ocidental. O que se tem ensinado nas escolas é uma visão da América distante daquele mundo vivido por seus primeiros habitantes e que foi ao longo do tempo destruído e desconsiderado, pois está fundada em um pensamento totalizador e em um superestrutura idêntica para todos os sujeitos, suprimindo as diferenças. “Es la América que lucha en contra

de la borradura de lo humano y del sujeto dador de sentido y símbolos.” (CHELINI, 2012, p. 5).

Neste sentido, edificar um novo pensar e um novo agir, inclusive pedagógico, talvez seja necessário para nos contrapor aos impulsos individualistas do *eu moderno*, de matriz cartesiana, e refletir sobre um nós que não seja metafísico e nem abstrato, mas arraigado em suas origens, situado na terra e em suas raízes. Isso significa dar um passo atrás, voltar a um estado embrionário que, como uma semente que cresce, possa dar frutos, enfim, uma semente que germina sem determinismos e que se compromete com o mundo a partir de um “estar sendo”.

La cultura significa lo mismo que cultivo. Pero no sabemos qué cultivar. No sabemos donde está la semilla. Será preciso voltear a quien la está pisando. Pero pensemos también que esa semilla está em nosotros. Es lo que me quiso decir aquel brujo de Tiahuanaco. *Ucamau mundajja*, “el mundo así es”. La semilla está de este lado del mundo. Realmente un brujo indígena sabe de estas cosas mucho más que nosotros. Nosotros sólo sabemos alfabetizar. Es un papel muy pobre. Tendríamos que decidirnos por el brujo indígena. Hagámoslo por América. (KUSCH, 2000, p. 111)

Isto significa valorizar e retomar o tema das paixões, do medo, dos gestos culturais que na América são bastante manifestos, o que seria uma oportunidade para expressarmos e edificarmos novas instituições e práticas que garantam um *ethos* americano, que considera o povo como fonte e riqueza de um novo núcleo existencial.

Referências Bibliográficas

CELINI, M. E. J. . Kusch y la posibilidad de un nuevo pensar desde el “estar” americano. **FAIA**. VOL. I. N° I. AÑO 2012. Disponível em <https://bit.ly/2N2INIO> Acesso em 20 abr 2018.

CULLEN, C. **Rodolfo Kusch**: esbozo de una dialéctica de la subjetividad. Buenos Aires: UBA, 2003.

HORKHEIMER, M. & ADORNO, T. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

KANT, Immanuel. **Anthropologie d'un point de vue pragmatique**. Paris: Flammarion, 1993.

REVISTA MUNDO E DESENVOLVIMENTO
Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

KUSCH, R. **Geocultura del hombre americano**. Rosário: Editorial Fundación Ross. Obras completas. Tomo III, 2000.